

FOLHA INFORMATIVA

www.conquistasdarevolucao.blogspot.com



ASSOCIAÇÃO CONQUISTAS DA REVOLUÇÃO

Nº 37 . JUNHO . 2024

ALIANÇA POVO-MFA NAS CAMPANHAS DE DINAMIZAÇÃO

A memória a caminho das campanhas de dinamização do MFA começa pelo monte do “Jornais Novos” despejado de um vagão de comboio no cais de Coimbra B, com o documento do “Grupo dos Nove” em título principal. Nesse dia havia uma manifestação de apoio ao Grupo em Viseu e lá estavam homens a gritarem e a baterem palmas ao segundo comandante do quartel do exército, que depois desfilaram até cercarem a sede do PCP. Noite de “cocktails molotov” atirados para as janelas da casa, até causarem um incêndio, com a cumplicidade de “autoridades locais”. Depois, a partir do dia seguinte, em Sernancelhe, o encontro com os militares e médicos no hospital do concelho levou-nos a conhecer o trabalho em realização na vila e aldeias, bem como em Penedono. [Con. Pág. 2](#) →

S Saúde, educação, consultas e tratamentos, as melhorias concretas e o associativismo das populações, a intervenção militar e cívica levada a cabo pelas comissões de melhoramentos e de jovens. "Vida ou Morte no Distrito de Viseu", passando por S. Pedro do Sul, Castro Daire e concelho de Cinfães. Gravar a aliança Povo-MFA, na abertura de caminhos e estradas, de electrificação, de apoio veterinário a produtores de carne, de baldios entregues a populações. Jaime Galheiro era presidente da Câmara Municipal de S. Pedro do Sul e o Dr. Robalo lá foi para a freguesia de Sul, para Macieira, para Covas do Rio, Covas do Monte, Coelhoira, Maçagoso, Fujaco, terras assim, a cerca de 14km de S. Pedro do Sul. Formação de Comissões de Melhoramentos, enfrentamento de caciques locais e de caciques como Sá Carneiro e Freitas do Amaral, que mandavam ordens de não trabalhar com os militares. A estrada da Desfeita para tirar os doentes da aldeia e levá-los para o hospital de Castro Daire. Maria Augusta a dizer que era do PS mas que este "não devia ser americano" pela mão de Mário Soares.

Modesto Navarro

Vogal da Direcção

Almofala e Gralheira tinham presidentes de Juntas de Freguesia do PSD e do CDS mas trabalhavam com as forças armadas. "São elas que nos ajudam a resolver os problemas". Desobedeciam às ordens dos chefes de Lisboa e avançavam nas lutas pelo que era concreto na revolução de Abril e no dia a dia das populações ignoradas.

"Perspectivas de Libertação do Nordeste Transmontano", outro livro gravado com os jovens, as pessoas que olhavam sideradas para a bagagem do MFA descarregada no largo da vila, na intervenção diária a favor das populações. Tantos acontecimentos que passavam pela Rua Castilho, em Lisboa, na sede da Codice (Comissão Dinamizadora Central da 5ª Divisão do MFA), onde trabalhavam Carlos Paredes, Marcelino Vespeira, dezenas de militares e civis a mobilizarem artistas e grupos de teatro, escritores, gente empenhada em mudar o nosso mundo e vencer as dificuldades e problemas.

Foram anos de Vasco Gonçalves e do povo, de governos e trabalhadores a resistirem a golpes preparados por militares e civis que amaciavam o terreno para embaixadores e governantes ao serviço da traição e do passado. Mudanças nas cidade e nos campos, nessa reforma agrária que foi a revolução mais profunda e assumida pelos trabalhadores do Alentejo e do Ribatejo.

Aqui estamos, com a alegria de ter vivido esses 500 dias de 25 de Abril intenso que se integrou na vida e memória de todos nós, dos que estão orgulhosos do que fizeram e continuam ambiciosos do presente e do futuro que amamos e queremos, para honra do país livre e soberano que merecemos e é urgente construir.

MODERNA
REVOLUÇÃO

Caros Associados

Amanheceu cinzento este dia 10 de junho aqui pela margem sul do Tejo de onde vos teclo. Os resultados das eleições de ontem não alteraram significativamente a futura realidade do Parlamento Europeu. É certo que os resultados nalguns países causaram movimentações a cujas consequências temos que dar tempo para melhor avaliar (estou a pensar na França e na Alemanha), mas em Portugal partilho convosco a satisfação que me deu ver a extrema direita exibir uma forte redução de votação em relação ao que sucedera a 10 de março. Todos temos de continuar o esforço de esclarecimento e cativação para o lado das forças de Abril de muitos dos nossos concidadãos que cedem ao canto dos que os convencem que o seu lugar e voto é naqueles que defendem os interesses dos que vivem à custa do trabalho alheio.

Encerramos este período de sucessivas eleições e, politicamente e em termos de correlação de forças, temos uma situação menos favorável às forças de Abril do que aquela que existia antes e que já não era boa, relembro o risco sério de uma revisão constitucional que configuraria uma subversão do regime de Abril. Em princípio as próximas eleições serão em 2025 (setembro/outubro) para as Autarquias seguindo-se em 2026 as eleições para a Presidência da República sem descartar que possam ter lugar eleições antecipadas para a Assembleia da República e nas Regiões Autónomas.

Como está escrito no programa de candidatura aos Órgãos Sociais da ACR, daremos prioridade à promoção dos valores de Abril alargando o universo de cidadãos que constituam a âncora robusta do Portugal de hoje e de amanhã. Para isso continuaremos a luta pela defesa dos direitos, liberdades e garantias do nosso povo, no respeito e em cumprimento da Constituição da República Portuguesa, intervindo em todas as frentes onde o combate seja pela melhoria da qualidade de vida do nosso povo, pela defesa da Paz, por um Portugal mais justo e mais fraterno, por um Mundo melhor.

No período que mediou desde a última edição especial da Folha Informativa participámos intensamente nas comemorações dos 50 anos da Revolução de Abril e não tivemos "mãos a medir" para responder à



Jorge Aires

*Presidente
da Direcção da ACR*

miríade de solicitações que foram endossadas à ACR. Creio que uma nossa melhor organização futura permitirá empenhar nessa resposta mais associados e assim respondermos mais extensamente a quem nos procura.

Nos próximos meses, teremos dia 18 de julho uma grande iniciativa que debaterá o papel da 5ª Divisão do Estado Maior General das Forças Armadas na Revolução de Abril. Será uma iniciativa a realizar na Voz do Operário e que, previsivelmente, preencherá o horário das 9h30 às 18h30.

Continuamos muito ocupados com o Monumento ao nosso patrono, o General Vasco Gonçalves. Tivemos que reorientar o projeto. O silêncio da Câmara de Lisboa é ensurdecido, continua sem nos dar qualquer resposta à doação a que nos propuséramos. Através da Casa do Alentejo mantivemos conversações com outras entidades, nomeadamente uma empresa de transformação de mármore, e fomos confrontados com a necessidade de antes de se avançar com o fabrico, estarmos na posse de um termo de responsabilidade que ateste a estabilidade estrutural (nomeadamente antissísmica) do Monumento. Trata-se de um imprevisto cuja satisfação comportará custos significativos. Nesta data a subscrição pública realizou 13 460,00 €, dos quais 2 657,65 € foram gastos no projeto existindo um saldo 10 802,35 € manifestamente insuficiente para fazer face aos restantes custos previstos e aos imprevistos. Oportunamente promoveremos a realização de uma reunião da Comissão de Honra e da Comissão Executiva para fazermos um ponto de situação e darmos um novo impulso ao projeto.

É previsível que no último trimestre a ACR promova uma iniciativa em torno da problemática da Paz e da Guerra, iniciativa ancorada no "D" de descolonização do Programa do MFA e, necessariamente, nos conteúdos aplicáveis da Constituição da República Portuguesa. A percepção da centralidade da temática na sociedade portuguesa, atento o que se está a passar no Mundo e em particular na Europa, justificam que reconheçamos a sua relevância e lhe dediquemos a atenção que a mesma justifica.

Até à próxima e desejo a todos boas férias, mas que nada vos impeça de estarem presentes a 18 de Julho na Voz do Operário.

A 5ª DIVISÃO DO EMGFA NA REVOLUÇÃO DE ABRIL

Jorge Aires | Presidente
da Direcção da ACR

Comemorar os 50 anos da Revolução de Abril no período que se estende até dezembro de 2026 proporcionará o assinar de diferentes momentos pelo simbolismo que os mesmos comportam e reavivar o que há meio século foi a intervenção de Governos e outros Órgãos do Estado no Processo que, nas palavras de Sophia de Mello Breyner, se sucedeu ao *“dia inicial inteiro e limpo. Onde emergimos da noite e do silêncio”* (...). É nesse contexto que a ACR leva a cabo no próximo dia 18 de julho, na

MFA, VASCO, POVO



POVO, VASCO, MFA

FORÇA, FORÇA COMPANHEIRO VASCO
NÓS SEREMOS A MURALHA D'ÁÇO

REVOLUÇÃO DE ABRIL — ASSOCIAÇÃO
CONQUISTAS DA REVOLUÇÃO

Voz do Operário, uma iniciativa que debaterá o papel da 5ª Divisão do Estado Maior General das Forças Armadas (EMGFA) na Revolução de Abril.

Adiemos para 18 de julho a intervenção no debate sobre o papel da 5ª Divisão na Revolução de Abril, numa sessão que se sucederá à sessão de abertura marcada para as 9h:30m e decorrerá entre as 10h e as 11h30m, a que se seguirá o relembrar de Varela Gomes, entre as 11h30m e as 13h. Pelas 15h retomaremos o debate sobre a intervenção cultural da 5ª Divisão e pelas 17h15m iniciaremos um momento cultural que decorrerá até às 18h15m, altura em que encerraremos a iniciativa. Nesta ini-

ciativa intervirão várias personalidades do mundo académico, artístico e do jornalismo e deixamos o apelo à participação, nos debates, dos militares de Abril que, por esse tempo, foram intervenientes e que, felizmente, ainda estão entre nós. Deixemos o debate para o momento próprio e densifiquemos o contexto em que ocorreu a intervenção da 5ª Divisão do EMGFA.

A partir de 25 de Abril de 1974 viveu-se em Portugal o agudizar do confronto com as forças nessa data derrotadas. Esse confronto desenvolveu-se em crescendo e teve um significativo embate a 28 de setembro de 74. Precedido dos apelos à manifestação da “maioria silenciosa” e do enxovalho público a Vasco Gonçalves, Primeiro Ministro, na Praça de Touros do Campo Pequeno (26 de setembro, onde acompanhou Spínola à tourada promovida pela Liga dos Combatentes) o embate foi ultrapassado com a saída de Spínola da Presidência da República e o confronto atinge um pico de conflitualidade com o golpe spinolista de 11 de março de 1975 e mais tarde com o golpe contra revolucionário de 25 de novembro de 1975.

Podíamos falar em luta de classes mas preferimos metaforicamente dizer que, por esse tempo, Portugal era um caldeirão efervescente, de correntes e contra correntes, como se de uma tempestade se tratasse e que a 5ª Divisão, pela sua atuação e as forças contrárias que contra ela se revelaram, estava no olho do furacão da revolução e foi alvo a abater pela contra revolução.

Por tudo o que fica dito, não devia a ACR

deixar de assinalar e trazer a debate o que foi o papel da 5ª Divisão na Revolução de Abril.

A escolha da data de 18 de julho deriva do simbolismo que se lhe reconhece. Em 18 de julho de 1974 tomou posse o II Governo Provisório (GP), o primeiro chefiado por Vasco Gonçalves que nesse dia cessou as funções de Chefe da 5ª Divisão do EMGFA para as quais Costa Gomes o nomeara, algures nos primeiros dias de junho de 1974. Recordemos que o II GP sucede ao que ficou conhecido por golpe Palma Carlos, uma manobra spinolista que visava subverter o cumprimento do Programa do Movimento das Forças Armadas (MFA) ao alterar o curso aí definido de realização de eleições para uma Assembleia Constituinte cujos deputados elaborariam uma Constituição a promulgar pelo Presidente da República. O golpe Palma Carlos constituiu o desenvolvimento de anteriores iniciativas e ideias de Spínola que já tinham obrigado a ajustes no texto do Programa do MFA, ajustes com os quais Spínola ficara insatisfeito.

Acresce que na 5ª Divisão desenvolveu atividade o Cor Varela Gomes onde chefiou o Centro de Sociologia Militar. Nesse contexto, concomitantemente com o reconhecimento da importância da atividade que desenvolveu enquanto esteve colocado na 5ª Divisão e atento o facto de passarem 100 anos sobre o seu nascimento, entende a ACR prestar homenagem à personalidade de Varela Gomes e da sua vida de anti fascista e revolucionário.

O MFA derrubou o regime fascista e em comunhão com o Movimento Popular

(a aliança Povo / MFA), levou a cabo profundas transformações políticas, sociais, económicas e culturais, as Conquistas da Revolução, consagradas na Constituição da República Portuguesa onde se inscrevia o rumo ao socialismo, Constituição promulgada em 2 de Abril de 1976, já depois do 25 de novembro de 1975.

O golpe militar de direita em 25 de novembro de 1975 culminou um intenso embate, divisões e conflitos entre os partidos integrantes dos governos provisórios e diferentes grupos que se formaram no MFA (entre os chamados moderados – grupo dos nove – que se aliavam à direita reacionária, e a esquerda militar que sofria enormes pressões de sectores esquerdistas aventureiros e irresponsáveis). A situação agudizou-se em julho de 1975 (queda do IV GP), a formação e demissão do V GP, o prático desaparecimento do Conselho da Revolução, a rutura entre algumas das principais figuras do MFA (Costa Gomes, Vasco Gonçalves, Otelo), o assalto e posterior dissolução da 5ª Divisão, a assembleia de Tanços em Setembro de 1975, sucessivos conflitos e sublevações militares, tudo isso a par da escalada e movimentação reacionária e do terrorismo bombista de extrema-direita.

Se o 25 de Novembro por si só não liquidou o processo revolucionário, com a derrota da esquerda militar, que teve uma sucessão de embates anteriores a 25 de novembro de 1975, criou-se uma nova correlação de forças que abriu caminho e deu alento às forças da contra revolução institucionalizadas com o 1º governo consti-

tucional – governo PS sozinho, aliado de facto à direita. Forças que, desde a eleição da Assembleia Constituinte a tentaram transformar em parlamento como centro de poder em contraposição ao MFA e ao Movimento Popular, procuraram substituir Costa Gomes por saberem da sua vontade em promulgar a Constituição o que, debaixo de grande tensão, fez na própria Assembleia logo a seguir à sua aprovação em 2 de Abril de 1976, quatro meses após o 25 de novembro de 1975.

Nos dias de hoje perpassa pela sociedade portuguesa uma operação que pretende esbater (senão apagar mesmo) o contributo da luta anti fascista para o 25 de Abril de 1974 e o que lhe sucedeu. Esbatimento que ganha destaque com a omissão, sob os mais variados subterfúgios, do que foi o contributo do PCP e dos seus militantes e o papel que na Revolução de Abril foi protagonizado pelos homens *sem sono* que corporizaram o que foi chamada de esquerda militar. Acentuado esse esbatimento visa-se apagar o conteúdo revolucionário do que se passou entre 25 de abril de 1974 e 25 de novembro de 1975.

Por tudo o que precede, a iniciativa que a ACR promove na Voz do Operário tem a finalidade de combater o aludido apagamento e vai delineada para ser realizada a 18 de julho (quinta-feira) pelo simbolismo que a data contém, faz 50 anos que Vasco Gonçalves cessou funções como Chefe da 5ª Divisão do EMGFA e tomou posse como Primeiro Ministro do II Governo Provisório.

Que ninguém falte!



MUDAR DE VIDA TRANSFORMAR UM PAÍS

Manuel Augusto Araújo

48 anos de trevas a entrarem pelas portas e janelas da casinha portuguesa, pão e vinho sobre a mesa, não se varriam de um dia para o outro nem de uma assentada pelos ventos de liberdade e democracia desbloqueados pela Revolução do 25 de Abril.

A realidade de um país onde a taxa de analfabetismo era de quase 30%, em que muitos dos outros 70% estacionavam no mais básico e a iliteracia, um conceito na época ainda em estudo e formação, era uma brutal evidência. Terreno fértil para poderes retrógados dos caciques de varia-

dos estratos forragearem a mais vil submissão às parcas virtudes públicas e aos imensos vícios privados que imperavam no Portugal salazarista-fascista.

Era este país em transformação, pelo impulso revolucionário da chamada aliança MFA/Povo, que era necessário esclarecer limpando as nuvens de cinzentas poeiras que as forças do passado persistiam em condensar de formas mais directas ou mais manhosas. Foi com esse objectivo que militares mais politicamente esclarecidos e mais empenhados no processo de transformação do país, conseguiram organizar a 5ª Divisão do Estado-Maior-General das Forças Armadas, que iniciou um processo de informação, tanto interno nas Forças Armadas como externo com relevo para as

Campanhas de Dinamização Cultural. A sua actividade iniciou-se em Junho de 1974 praticamente em paralelo com o II Governo Provisório presidido por Vasco Gonçalves, derrotado o golpe contra-revolucionário de Spínola, Palma Carlos, Sá Carneiro, uma evidência das fracturas que se iam verificar entre militares, políticos e outros intervenientes até ao 25 de Novembro, em que a democracia conseguiu resistir no seu essencial aos propósitos de quem queria liquidar o 25 de Abril.

A 5 Divisão teve um vasto conjunto de recursos materiais e humanos que desenvolveram actividades com grande impacto junto das comunidades em diferentes áreas do país, dando uma nova imagem das Forças Armadas, mobilizando jovens e muitos artistas, sobretudo plásticos e teatrais, que pela primeira vez confrontavam as artes directamente com o povo. Era a autêntica dinâmica revolucionária em que a palavra democracia e liberdade se associam a Povo, Revolução, Democracia, Socialismo, com o declarado objectivo de gerar uma sociedade largamente democrática e participada. Em que artes afirmavam a sua dimensão política sem perderem identidade nem serem instrumentalizadas primariamente pela política.

Obviamente é um objectivo que vai colidir com grupos militares mais conservadores e moderados, mas sobretudo com forças políticas que se querem apropriar das ferramentas democráticas para seu exclusivo proveito, absorvendo nas suas estruturas quaisquer estruturas de massas populares para as submeter em simulacros democráticos em

que supostas igualdades consagram as desigualdades políticas, sociais, económicas.

Deve-se mencionar que esta nobre acção de esclarecimento e incentivo de actividade cívica se desenrolava em paralelo ao trabalho dos Governos Provisórios presididos por Vasco Gonçalves que tiveram uma notável intervenção social e económica no que ficou conhecido como as Conquistas da Revolução.

É neste quadro que a 5 Divisão desenvolve a sua actividade nas cada vez mais bem estruturadas e participadas Campanhas de Dinamização Cultural, que por isso são o alvo imediato de muitos dos actores políticos no terreno que querem minar o esclarecimento político em favor da propaganda política. A sua vida acaba por ser efémera. Em 25 de Agosto de 1975 a sua actividade é suspensa até ser definitivamente extinta em 17 de Novembro de 1975, por decreto assinado pelo Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, por proposta dos então tenente-coronel Ramalho Eanes, major Loureiro dos Santos e major Tavares Pimentel. Para a história, fica essa breve mas intensa actividade de militares revolucionários que desencadearam acções de informação e dinamização cultural junto das populações para incentivar uma activa participação e uma intervenção cívica na construção da democracia. Um trabalho que continua a orgulhar todos os que, aos mais diversos níveis, nele intervieram e muito envergonhar todos, foram muitos tanto agentes nacionais como estrangeiros, os que o denegriam até alcançarem o objectivo de silenciar a 5 Divisão sem silenciar os seus feitos.



A QUEM VAI SERVIR A UNIÃO EUROPEIA ?

Manuel Marques Pinto

Desde o dia 9 de Junho que quase 30 países deste velho continente se podem orgulhar que ajudaram a "escolher" o seu "patrão".

Na realidade a grande e vasta maioria dos votantes por esta Europa fora seria incapaz de definir de modo minimamente compreensível a verdadeira extensão da sua ignorância sobre a real e efectiva capacidade de domínio do conclave que ajudaram a formar – com o seu voto e desconhecimento da importância de tal acto.

Acompanhei alguns debates que a TV nos disponibilizou e embora na sua grande maioria os temas versados tivessem sido sobre as poucas diferenças que alguns parti-

dos pretendiam criar ao apelar ao voto nos candidatos do seu partido, raramente vi esclarecer um ponto fulcral e a profunda alteração da retirada de poder aos países de fraca ou reduzida representação no Parlamento Europeu e à decisão já anunciada que no futuro o que o grupo dos 4 grandes decidir será "letra de lei" para todos, pois vai ser retirada de vez a capacidade de decisão por unanimidade.

Claro que alguns países da comunidade tinham chamado a atenção sobre os inconvenientes que determinadas decisões os iriam prejudicar e se mantinham firmes na defesa dos seus legítimos interesses; tal facto passou a ser considerado como uma manifestação de "rebelia" que os mais fortes decisores não poderiam tolerar, principalmente se tal contrariedade fosse contra

os interesses e vontade do grande patrão e último decisor sobre os actos e resoluções com que esta pobre Europa poderia optar.

Quem tiver acompanhado com algum interesse e atenção no que se passou antes do “Brexit”, terá verificado e comprovado porque os Estados Unidos desde sempre “aconselharam” a sua filial na Europa para que desde o início acompanhasse e se disponibilizasse a integrar uma União Europeia, sem que contudo perdesse a sua capacidade de fazer moeda própria como e quando necessitasse, fugindo portanto ao controlo financeiro doutra entidade exterior.

Quem quiser estudar um pouco os motivos e interesses que conduziram à criação da União Europeia poderá compreender e ficar a conhecer com maior profundidade os reais desígnios que os EUA e os seus fieis seguidores da Grã Bretanha induziram em certos políticos Europeus que levassem afinal à continuação por outros meios da ideia inicial que havia quando do célebre Plano Marshall surgido pós 2ª guerra mundial. (Nota 1)

Devemos recordar a celebre tentativa dos anos 2004/2005 em que se tentou passar a ideia da criação duma Constituição Europeia, que graças à firme oposição liderada na altura pela França e Holanda, que votando contra paralisaram esta tentativa.

Contudo e graças às sucessivas manobras realizadas por vários políticos nos bastidores, em 2007 em Lisboa e por isso foi dado o nome da nossa capital através do Tratado de Lisboa, deram-se início aos preparativos da grande transformação que irá culminar possivelmente em 2025.

Claro que se o propósito Americano e

Anglo Saxónico de controlo político-financeiro da Grande Europa demorou mais a conseguir o seu propósito, devemos tal facto à lúcida visão do General De Gaulle e dos seus conselheiros que até com o chefe do Governo alemão Adenauer discutiu os perigos que tal projecto trazia para a independência económica e desenvolvimento da indústria dos seus países.

Obviamente o empobrecimento industrial e financeiro da Europa e conseqüente maior dependência dos Estados Unidos e do seu vassalo na grande ilha ao norte da Europa, foi em parte ajudado pela paralisação ditada pelo Covid e conforme já anteriormente planeado desde 2014, utilizando a provocação dum constante ataque – mais de 6.000 mortos e graves destruições sobre as províncias Ucrínicas de maioria russó-fona – levando a um pedido de ajuda militar dessas províncias ao seu vizinho, culminando na invasão e início da denominada Operação Militar Especial, que infelizmente se prolonga há mais de dois anos com sacrifícios para os dois povos Russo e Ucrínicos e perda de vidas e milhares de deficientes para os dois beligerantes para grande lucro dos vendedores de armamento e munições que insatisfeitos querem ainda conseguir que todos os países Europeus refaçam os seus Exércitos permanentes e criem as maiores reservas possíveis de munições e artigos militares, viaturas e aviões de combate além da mais extensa panóplia de “tudo e mais alguma coisa” que possa servir para consumir os já escassos erários públicos dos Europeus.

Já assistimos desde 2022 ao crescen-

do de sanções que sob a capa de ir ferir os interesses da Rússia veio lançar sobre os países Europeus um crescendo de inflação e escassez de alimentos e produtos básicos além da redução drástica ou mesmo a paralisia de actividades industriais de primeira necessidade e que nalguns casos – vide as viaturas – promoveram e aumentaram as importações da China.

A compra de gaz aos Estados Unidos fomentada pela destruição do maior *pipe-line* que alimentava a Europa, sobretudo a Alemanha, aos preços que as necessidades impõem, prova quem lucra e quem perde com esta submissão e vemos contudo alguns dos mais incapazes políticos desta Europa, satisfeitos em até prometerem mandar os seus cidadãos para a consumidora fogueira que qualquer guerra foi, é, e sempre será, ficando sempre os mandatários e os seus mandantes numa retaguarda segura e recebendo ainda maiores prebendas dos industriais a que ajudam vender cada mais e mais caro, pois em tempo de guerra não se discutem preços, mas sim prazos.

Esperemos que a lucidez dos mais novos, cuja vida será a que mais riscos corre, conduza no bom caminho esta classe política que apenas olha aos seus “interesses

imediatos” de todo o tipo, e que a juventude possa ajudar a trazer a este pobre e tão mal governado País um pouco de razão e discernimento e saibam analisar e procurar um futuro para eles e seus vindouros, pois os mais idosos que nalguns casos até viveram a triste e dolorosa experiência de ver desaparecer amigos e companheiros numa estúpida guerra colonial, apenas resta depositar nas suas mãos um futuro incerto e possivelmente muito mais curto.

(NOTA 1) *Aos leitores que quiserem obter uma informação bem fundamentada e esclarecedora dos reais desígnios e interesses que levaram desde os anos 20 do século passado à tentativa de criar os “Estados Unidos da Europa” sob os auspícios da Grã Bretanha e do papel desempenhado pelos estadistas Ingleses Macmillan e Heath nessa tentativa, sempre conduzida na realidade pelos interesses dos Estados Unidos, aconselho a leitura duma verdadeira enciclopédia sobre o assunto – infelizmente só conheço em língua inglesa – com o titulo “The Great Deception” dos autores Christopher Booker e Richard North, que ao longo de mais de 600 páginas fazem um extenso e bem documentado relato.*

Para melhor podermos comunicar com os nossos associados, solicitamos àqueles que ainda o não fizeram, que nos enviem o seu e-mail para acr.secretaria@conquistasdarevolucao.pt

O vosso contributo financeiro é indispensável para a actividade da Associação!

Apelamo-vos, por isso, que paguem a vossa quota! Podem fazê-lo por transferência bancária para o **IBAN PT50 0035 2178 0002 9245 6304 6** ou por depósito para a conta da **Caixa geral de Depósitos:**

2178 0292 4563 0. Sugere-se a visita ao site

www.conquistasdarevolucao.pt e ao blogue da Associação

www.conquistasdarevolucao.blogspot.com onde são publicados os comunicados e anunciadas as iniciativas da Associação.

EDIÇÃO:

Associação Conquistas da Revolução

COORDENAÇÃO:

Modesto Navarro

E-MAIL:

acr.secretaria@conquistasdarevolucao.pt

DEPÓSITO LEGAL:

360191/13